

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

14 Out 2017  
18:00 Sala Suggia

—  
ANO BRITÂNICO

**Ryan Wigglesworth** *direcção musical*

**Claire Booth** *soprano*

1ª PARTE

**Oliver Knussen**

*Flourish with Fireworks*

(1998, rev.1993; c.4min)<sup>1</sup>

**Ryan Wigglesworth**

*Études-Tableaux*, para orquestra

(2014; c.13min)<sup>1</sup>

**George Benjamin**

*Dance Figures*, nove esboços coreográficos  
para orquestra (2004; c.15min)<sup>1</sup>

1. *Spell* –
2. *Recit* –
3. *In the Mirror* –
4. *Interruptions* –
5. *Song* –
6. *Hammers*
7. *Alone* –
8. *Olicantus* –
9. *Whirling*

2ª PARTE

**Ryan Wigglesworth**

*Augenlieder*, para soprano e orquestra

(2009; c.15min)<sup>1,2</sup>

1. *Eurydice to Orpheus: A Picture by Leighton* (Robert Browning)
2. *Visionen* (Egon Schiele)
3. *Voyelles* (Arthur Rimbaud)
4. *Keep your eyes open* (John Berryman)

**Benjamin Britten**

*Four Sea Interludes* (op. 33a) e *Passacaglia*  
(op. 33b), da ópera *Peter Grimes*

(1944-45; c.24min)

1. *Dawn*
2. *Sunday Morning*
3. *Passacaglia*
4. *Moonlight*
5. *Storm*

<sup>1</sup> Estreias nacionais

<sup>2</sup> Textos originais e traduções nas páginas 8 a 11.

RYAN WIGGLESWORTH – ARTISTA EM ASSOCIAÇÃO





Maestro Ryan Wigglesworth  
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/237546118>

Há algo comum aos quatro compositores deste concerto: além de compositores, todos são também – ou foram, no caso de Britten (1913-1976) – maestros. E todos dirigem (ou dirigiram), não só a sua música, como também a de outros: Oliver Knussen (1952-), por exemplo, estreou obras de Carter e Henze; George Benjamin (1960-), de Ligeti e Grisey; e Ryan Wigglesworth (1979-), de Birtwistle e Knussen.

Hoje vemos, justamente, um desses compositores – o mais jovem, Wigglesworth – na dupla condição de compositor e maestro, dirigindo duas obras suas e outras três de compatriotas seus. Aliás, enquanto maestro Wigglesworth tem-se destacado pela interpretação de música britânica: nos Proms 2017, por exemplo, dirigiu Britten, Purcell, Elgar e Brian Elias.

Também hoje Wigglesworth nos traz música de Britten, provavelmente o mais célebre compositor britânico desde Purcell. De entre os múltiplos feitos de Britten enquanto compositor, talvez o maior de todos tenha sido o seu contributo para o renascimento da ópera britânica, iniciado pelo sucesso de *Peter Grimes*, em 1945 – e é justamente desta ópera que ouvimos hoje quatro interlúdios orquestrais e uma *passacaglia*. Esse legado continua até hoje, como se vê pelo facto de quase todos os compositores britânicos mais recentes comporem ópera, incluindo os outros três deste concerto: Wigglesworth, por exemplo, apresentou há poucos meses a sua primeira ópera, e Benjamin estreará em 2018 a terceira.

Entre Britten e os outros três compositores deste concerto muito se passou na música britânica. Se Britten começou por afirmar-se, nas décadas de 1930 e 40, criticando Ralph Vaughan Williams (1872-1958) por ser conservador e paroquial, já nas décadas de 50 e 60 a crítica voltou-se contra ele, da parte agora

dos jovens compositores – como Birtwistle e Maxwell Davies – que traziam para Inglaterra as novas correntes vanguardistas. A essas correntes, Britten reagiu com distanciamento, chegando a alertar para os perigos dos «*snoobs* que exigem os últimos truques da vanguarda», levando a que «o pobre compositor seja intimidado a escrever disparates pretensiosos ou música deliberadamente obscura». Os novos modernistas tiveram, assim, de lutar contra Britten – ou contra o lugar que ele ocupava – para ganharem espaço e visibilidade, o que justifica uma certa animosidade dessa geração face a Britten.

Para compositores mais recentes, a questão já não se coloca: Wigglesworth, por exemplo, é um grande admirador da música de Britten, dirigindo-a frequentemente; e mesmo Benjamin, embora se tenha formado junto de algumas das figuras da tal vanguarda (foi aluno de Messiaen e era pessoalmente próximo de Boulez), tem-se aproximado, recentemente, da música de Britten (em especial nas suas óperas). O caso de Knussen é especial: filho do contrabaixista da Orquestra Sinfónica de Londres, teve o privilégio de contactar desde pequeno com a elite musical britânica, incluindo o próprio Britten, com quem se encontrou – para uma espécie de aula de composição – quando tinha apenas 12 anos. (Foram tantos os privilégios da sua educação que Knussen tem constantemente feito sua missão apoiar os jovens compositores, em especial os que não tiveram a sorte de nascer em meio tão propício: um desses compositores promovidos por Knussen é justamente Ryan Wigglesworth, que em casa dos pais só tinha três discos de música clássica.)

As obras que hoje ouvimos são bem representativas do estilo dos autores: da transparência melódica dos excertos de *Peter Grimes*, de Britten; à abordagem ecléctica

PATROCINADORES ANO BRITÂNICO



APOIO ANO BRITÂNICO

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



de Wigglesworth – jogando com contrastes exacerbados, tanto entre as quatro canções de *Augenlieder* como entre as diferentes partes de *Études-Tableaux*, obra puramente instrumental; ao dramatismo formal e sofisticação de sonoridade (cheia de surpreendentes combinações orquestrais) em *Dance Figures*, de Benjamin; e ao virtuosismo caleidoscópico de *Flourish with Fireworks*, tão característico de Knussen pela capacidade de condensar uma grande quantidade de eventos musicais numa escala temporal reduzida.

DANIEL MOREIRA

## Oliver Knussen

GLASGOW, 1952

### *Flourish with Fireworks*

Escrita entre Agosto e Setembro de 1988, *Flourish with Fireworks* não é nem menos nem mais do que o seu título sugere – uma peça de inauguração celebrativa, de quatro minutos, para a primeira temporada de Michael Tilson Thomas como maestro titular da London Symphony Orchestra (LSO). Mas é, consequentemente, uma tripla homenagem: a Michael, um amigo próximo e um apoiante da minha música desde que nos conhecemos 18 anos antes, nos bastidores da sua estreia britânica com a Sinfónica de Londres, e depois em Tanglewood, em 1970; à própria LSO – a orquestra que foi para mim uma ‘segunda casa’ na infância, quando o meu pai era contrabaixo principal e Pierre Monteux o maestro titular, e que mais tarde foi a primeira grande orquestra a tocar a minha música em público; e finalmente a Stravinski, um compositor por quem Michael Tilson Thomas e eu partilhamos uma afeição especial. O “Fogo-de-artifício” (“Fireworks”) do título remete para

a obra homónima de Stravinski, e a música é construída a partir das iniciais LSO (Lá, Mi bemol, Sol) e MTT (Mi, Si, Si), sujeitas a variações constantes, por vezes de um modo que se sabe hoje ser desconhecido de Stravinski.

OLIVER KNUSSEN

## Ryan Wigglesworth

YORKSHIRE, 1979

### *Études-Tableaux*

Alguns aspectos de *Études-Tableaux* provêm de material que concebi inicialmente em 2009, para uma peça orquestral que acabei por abandonar. Desde então, aguardava a oportunidade certa para resgatar algum deste material e desenvolvê-lo numa linha muito diferente.

Como se depreende do título (“Estudos-Quadros”), a obra tem várias secções, cada qual com um carácter próprio. Ao mesmo tempo, a minha intenção foi forjar, a partir destes painéis descontínuos, um arco único que levasse cada secção a fluir até à seguinte (umas vezes com pontes de ligação, outras não) sem qualquer hiato. Muitas das ideias melódicas e harmónicas da obra migram livremente entre secções, embora frequentemente sujeitas a vários tipos de transformação.

A abertura coloca duas das ideias principais da obra em oposição: nas madeiras, há uma figuração rápida como dardos lançados sobre harmonias em progressão lenta nos metais e nas cordas. Daqui emerge uma passagem para corne inglês solo (acompanhado por trompas com surdina e cordas em *tremolo*), que por sua vez conduz ao primeiro dos principais climaxes da obra. Depois, uma linha das cordas em uníssono acaba por se estabelecer num coral, só

interrompido por um breve solo de clarinete cuja melodia anuncia a secção central da obra.

Esta secção é, ela própria, formada por vários pequenos episódios, todos em tempo rápido e entrecruzando-se com uma frequência crescente. O final é dominado pelos metais, começando pela utilização de material em estilo de fanfarra antes de cederem a uma recapitulação variada do anterior coral nas cordas. Um clímax final conduz a um regresso das harmonias em progressão lenta da abertura, suportando agora uma versão prolongada do solo de clarinete (já utilizado sob várias formas ao longo da secção central), desta vez tocado por violinos e madeiras. A coda instaura finalmente uma sensação de calma estagnação, em que flautas, harpa, celesta e percussão fornecem um pedal sustentado para mais fragmentos de coral.

*Études-Tableaux* foi uma encomenda da Orquestra de Cleveland e Franz Welser-Möst, com o apoio generoso do Young Composers Endowment Fund.

RYAN WIGGLESWORTH

## George Benjamin

LONDRES, 1960

### *Dance Figures*

nove esboços coreográficos para orquestra

Esta foi a primeira obra que criei para dança e consiste em nove curtos andamentos fortemente contrastantes em carácter, forma e cor. Os primeiros seis são tocados praticamente sem interrupção, tal como os três últimos, pelo que a peça se divide basicamente em duas partes.

1. *Spell*: Uma simples introdução, exclusivamente para cordas agudas divididas, que conduz a um acorde em suspensão para:

2. *Recit*: Uma melodia longa e ornamentada partilhada entre os sopros, com o suporte de um fundo harmónico ressoante. A duplicação da melodia em intervalos amplos e paralelos evoca intencionalmente os registos do órgão.

3. *In the Mirror*: Um breve andamento polifónico, dividido em duas metades – a primeira *legato* e lamentosa, a segunda mais enérgica e contundente. Ambas as secções são cânones por inversão – daí o título.

4. *Interruptions*: Vários materiais musicais se alternam e sobrepõem neste andamento volátil: floreios virtuosos nas madeiras, acordes pesados nas regiões graves da orquestra, um violento quarteto de trompas, um solo hesitante de oboé... Na sua terceira aparição, um coral lento e distante faz a ligação para:

5. *Song*: Um andamento mais fluente, com a linha principal partilhada entre viola solo e trompetes com surdina. Uma mudança abrupta de atmosfera marca a coda, onde um clarinete em mi bemol fica em primeiro plano.

6. *Hammers*: Toda a orquestra, usada como uma massa única, está quase por completo colocada num registo agudo. Pulsações monolíticas são desfeitas por mudanças abruptas de andamento enquanto fragmentos melódicos estridentes circulam em *hoquetus*<sup>1</sup> pelos metais.

7. *Alone*: Um contraste completo – uma textura velada, com tessitura mitigada e grave. Uma terceira maior nos trombones graves com surdina leva a:

8. *Olicantus*: Um andamento mais longo, também com ambiente reflexivo e escrito para um efectivo de câmara. Um cânone de matiz

<sup>1</sup> Técnica usada na polifonia medieval através da qual uma melodia surge dividida em pequenos fragmentos entoados alternadamente por duas ou mais partes vocais.

escuro entre os clarinetes baixo e os violoncelos prefacia três apresentações da mesma melodia simples. A cada recorrência, o tempo abranda consideravelmente enquanto a melodia é harmonizada e ornamentada de formas cada vez mais elaboradas.

9. *Whirling*: Um *presto* muito curto mas energético, explorando um jogo de perspectivas que atravessa toda a orquestra, enquanto uma linha melódica, principalmente nos primeiros violinos, trespassa uma massa de diferentes texturas.

GEORGE BENJAMIN

## Ryan Wigglesworth

### *Augenlieder*

para soprano e orquestra

O estímulo inicial para a composição de *Augenlieder* foi o poema “Keep your eyes open”, de Berryman. A descoberta do soneto trouxe-me imediatamente à mente um curto e negligenciado texto de Browning – um poema escrito para acompanhar a pintura *Orpheus and Eurydice* de Frederic Leighton, quando esta foi exposta pela Royal Academy, em 1864. Aqui estavam, nos textos respectivos, pares de amantes ligados pela teatralidade de um olhar – um olhar evitado, ou um olhar consumado. Muito mais tarde, o acaso fez-me encontrar um outro casamento entre poemas, igualmente improvável. Enquanto o entusiasmo virtuoso da experiência sinestética de Rimbaud em *Voyelles* se opõe ao colorido de palavras mais calmo de Schiele, a chave de ambos os poemas está, mais uma vez, no acto de ver. A deliberada ambiguidade de “Ses Yeux” de Rimbaud serve de contrapeso ao cenário mais directo, embora em última análise não menos complexo, de Schiele: trata-se, sem

dúvida, de uma experiência na primeira pessoa – a experiência, algo esperada, de um grande artista plástico tentando alcançar uma mesma simplicidade num meio diferente daquele no qual se celebrou.

Na minha peça de 15 minutos, sonoridades específicas sustentam os cruzamentos e as correspondências entre os textos. Na primeira e na última canção, por exemplo, a combinação de harpa e celesta actua como referência em vários pontos de junção; e a falta de uma ‘cor’ orquestral convencional na segunda canção (o acompanhamento é dado quase sempre apenas pelos violinos) é aliviada pela natureza caleidoscópica da escrita instrumental da terceira canção. De modo similar, os materiais harmónicos e melódicos de cada uma das quatro canções partilham certas características: por exemplo, um gesto de uma fracção de segundo numa canção, aparentemente inócuo, serve frequentemente de principal ponto de expansão para outra. A intenção é que cada canção funcione como um espelho distorcido através do qual se pode vislumbrar as restantes.

*Augenlieder* foi escrita para Claire Booth e a Orquestra Sinfónica da BBC, e é dedicada a Sasha Siem.

RYAN WIGGLESWORTH

Traduções: Fernando P. Lima

## Benjamin Britten

LOWESTOFT (SUFFOLK), 1913

ALDEBURGH (SUFFOLK), 1976

### *Four Sea Interludes e Passacaglia, da ópera Peter Grimes*

O libreto de *Peter Grimes* foi redigido por Montagu Slater, a partir do poema narrativo “The Burrough” de George Crabbe. No essencial, o

poema conta a história de alguns habitantes de uma aldeia piscatória em Inglaterra, centrando-se em Peter Grimes, um vilão selvagem que levou à morte três aprendizes seus. Diferente, contudo, é a perspectiva de Slater e Britten: ainda que certamente rude e selvagem, Peter Grimes também aparece na ópera como um sonhador, despertando até certo ponto a simpatia do público.

O mar tem uma presença constante em toda a narrativa. É ele que traz o alimento e dá trabalho aos habitantes da vila; mas é também uma ameaça permanente. Isso mesmo se reflecte nos quatro interlúdios orquestrais (marítimos) que hoje ouvimos, retirados de diferentes momentos da ópera. Cada um deles ilustra – como um pequeno quadro – as atmosferas cambiantes nesta pequena aldeia, a partir da referência básica que é o mar. Além desses interlúdios, ouvimos também a *Passacaglia*, uma outra passagem exclusivamente instrumental da ópera, de feição mais assumidamente dramática (não tão atmosférica como os interlúdios). Veja-se uma breve descrição de cada um dos momentos:

– Interlúdio I (“Aurora”): Parece evocar uma manhã escura mas tranquila à beira-mar, jogando com apenas três elementos musicais: uma melodia aguda nos violinos e flautas, sempre calma mas bem ornamentada, sugerindo uma ágil graciosidade, como gaivotas avistadas à distância sobre o mar; desenhos ascendentes rápidos nos clarinetes, nas harpas e nas violas, uma espécie de rodopio das ondas do mar; corais lentos e solenes nos metais, sugerindo porventura a ameaça sempre presente do oceano.

– Interlúdio II (“Manhã de Domingo”): O conteúdo é agora mais variado e colorido, com um carácter que oscila entre o jovial, o enternecedor e o solene. Inicialmente, há uma

alternância entre duas ideias: uma melodia jocosa e festiva nas madeiras, acompanhada por sonoridades picantes, bem matinais, nas trompas; uma melodia expressiva nas cordas, que parece uma canção religiosa. Mais à frente, ganha preponderância o toque dos sinos, assinalando a missa.

– *Passacaglia*: Retirada do meio do II Acto da ópera, em que a música acompanha a marcha de Peter Grimes ao lado de um dos seus aprendizes, um rapazinho, rumo à cabana dos pescadores. A *Passacaglia* começa com um baixo em *pizzicato* – parecendo justamente ilustrar a ideia da marcha. Essa melodia é constantemente repetida ao longo do andamento, como é característico de uma *passacaglia*, em que temos sempre um tema repetido (geralmente no baixo) sobre o qual se vão construindo progressivas variações. Neste caso, essas variações traduzem-se numa gradual, imparável e inelutável intensificação dramática, carregada de trágicas premonições. (E de facto, na ópera, a tragédia não tarda: pouco depois da *Passacaglia*, o miúdo cai inadvertidamente de uma falésia e morre, lançando a suspeita, na comunidade, de que Peter Grimes terá matado mais um dos seus aprendizes.)

– Interlúdio III (“Luar”): Música evocativa e nostálgica, com contraponto entre duas ideias – sonoridades quentes nas cordas e trompas, algo hesitantes ritmicamente, mas sempre intensamente expressivas; e movimentos descendentes rápidos nas flautas, como gotas a cair.

– Interlúdio IV (“Tempestade”): De todos os interlúdios, é o mais dramático, reflectindo não só a paisagem envolvente, mas também a rudeza e selvajaria inerentes ao carácter e comportamento de Peter Grimes.

DANIEL MOREIRA

## **Ryan Wigglesworth: Augenlieder**

### **1. Eurydice to Orpheus: A Picture by Leighton – Robert Browning (1812-1889)**

*But give them me, the mouth, the eyes, the brow!  
Let them once more absorb me! One look now  
Will lap me round for ever, not to pass  
Out of its light, though darkness lie beyond:  
Hold me but safe again within the bond  
Of one immortal look! All woe that was,  
Forgotten, and all terror that may be,  
Defied, – no past is mine, no future: look at me!*

### **2. Visionen – Egon Schiele (1890-1918)**

*Alles war mir lieb –  
ich wollte die zornigen Menschen lieb ansehen,  
damit ihre Augen gegentun müssen;  
und die Neidigen wollt' ich beschenken und ihnen sagen,  
daß ich wertlos bin.*

*...ich hörte weiche Wulstwinde durch Linien von Lüften streichen.  
Und das Mädchen,  
das mit klagender Stimme vorlas,  
und die Kinder,  
die mich groß anschauten und meinem Gegenblick durch Kosen entgegneten,  
und die fernen Wolken,  
sie schauten mit guten Faltenaugen auf mich.  
[...]*

*Ich sah den Park: gelbgrün, blaugrün, rotgrün,  
violettgrün, sonnigrün und zittergrün –  
und horcht' der blühenden Orangeblumen.  
Dann band ich mich an die ovale Parkmauer und horchte der dünnfüßigen Kinder,  
die, blau getupft und grau gestreiften mit den Rosamaschen.  
Die Säulenbäume führten just Linien dorthin,  
als sie sich sinnlich landgrund niedersetzten.  
Ich dachte an meine farbigen Porträtvisionen,  
und es kam mir vor,  
als ob ich einmal nur  
mit jenen allen gesprochen hätte.*

### **Eurídice a Orfeu: Um Quadro de Leighton**

Dá-mos somente a mim, a boca, os olhos, a fronte!  
Deixa-os absorver-me outra vez! Um olhar agora  
Que me envolva para sempre, não mais saindo  
Da sua luz, ainda que para além dela seja a escuridão:  
Abraça-me de novo, segura, no enlace  
De um olhar eterno! Todo o mal que foi,  
Esquecido, e todo o terror que pode ser,  
Desafiado, – nenhum passado é meu, nenhum futuro: olha-me!

### **Visões**

Gostava de tudo –  
queria olhar para as pessoas iradas com carinho,  
para que os seus olhos tivessem de reagir ao meu olhar;  
e queria presentear os invejosos e dizer-lhes  
que não tenho preço.

...ouvia suaves ventos inchados a perpassar linhas e ares.  
E a rapariga,  
que lia algo com voz plangente,  
e as crianças,  
que me olhavam de olhos grandes e me devolviam o olhar com carinho,  
e as longínquas nuvens,  
elas olhavam de olhos vincados para mim.  
[...]

Eu via o parque: verde amarelado, verde azulado, verde avermelhado,  
verde violeta, verde soalheiro e verde tremente –  
e ouvia as flores de laranjeira exuberantes.  
Depois coleí-me ao muro oval do parque, ouvindo as crianças com pezinhos de lã,  
esses, com pintas azuis e riscas cinzentas e as malhas cor-de-rosa.  
As árvores como pilares conduziam linhas até lá,  
exactamente quando elas se sentaram com a sua sensualidade na terra.  
Pensei nas minhas visões de retratos coloridos,  
e tive a sensação,  
de ter só uma vez  
falado com todos eles.

### 3. Voyelles – Arthur Rimbaud (1854-1891)

*A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu: voyelles,  
Je dirai quelque jour vos naissances latentes:  
A, noir corset velu des mouches éclatantes  
Qui bombinent autour des puanteurs cruelles,*

*Golfes d'ombre: E, candeurs des vapeurs et des tentes,  
Lances des glaciers fiers, rois blancs, frissons d'ombelles;  
I, pourpres, sang craché, rire des lèvres belles  
Dans la colère ou les ivresses pénitentes;*

*U, cycles, vibrations divins des mers virides,  
Paix des pâtis semés d'animaux, paix des rides  
Que l'alchimie imprime aux grands fronts studieux;*

*Ô, Suprême Clairon plein des strideurs étranges,  
Silence traversés des Mondes et des Anges:  
– Ô l'Oméga, rayon violet de Ses Yeux! –*

### 4. Keep your eyes open – John Berryman (1914-1972)

*Keep your eyes open when you kiss: do: when  
You kiss. All silly time else, close them to;  
Unsleeping, I implore you (dear) pursue  
In darkness me, as I do you again  
Instantly we part...only me both then  
And when your fingers fall, let there be two  
Only, 'in that dream kingdom': I would have you  
Me alone recognize your citizen.*

*Before who wanted eyes, making love, so?  
I do now. However we are driven and hide,  
What state we keep all other states condemn,  
We see ourselves, we watch the solemn glow  
Of empty courts we kiss in... Open wide!  
You do, you do, and I look into them.*

### Vogais

A negro, E branco, I vermelho, U verde, O azul: vogais,  
Algun dia desvendarei as vossas origens latentes:  
A, corpete de veludo negro de moscas reluzentes  
Que zumbem em torno de odores pungentes,

Golfos sombrios: E, candura dos vapores e das tendas,  
Lanças de gelo ufanas, reis brancos, umbelas agitadas;  
I, escarro purpurado, riso de lábios formosos  
Na ira ou na embriaguez penitente;

U, ciclos, divino vibrar dos verdes mares,  
Paz das pastagens pontilhadas de animais, paz das rugas  
Que a alquimia marca nas testas de homens estudiosos;

O, supremo Clarim repleto de estridências estranhas,  
Silêncio trespassado por Mundos e Anjos:  
– Ó Ómega, raio violeta em Seus Olhos! –

### Mantém os olhos abertos

Mantém os olhos abertos enquanto beijas: fá-lo: quando  
Beijas. Todo o restante tempo tolo, fecha-os para;  
Desperta, imploro-te (querida) segue-me  
No escuro, como eu faço contigo novamente  
Separamo-nos por um instante... apenas eu tanto então  
Como quando os teus dedos caem, deixa que haja dois  
Apenas, 'nesse reino da fantasia': eu queria que tu  
Somente em mim reconheças o teu cidadão.

Antes quem queria olhos, ao fazer amor, assim?  
Eu quero agora. Seja o que for que nos motive e oculte,  
O estado em que permanecemos todos os outros estados condenam,  
Vemo-nos a nós mesmos, observamos o brilho solene  
Das cortes vazias em que nos beijamos... Bem abertos!  
Tu fá-lo, tu fá-lo, e eu olho dentro deles.

– Traduções: Joaquim Ferreira (inglês), Luísa Lara (alemão) e Carla Basto (francês)



## Ryan Wigglesworth

### direcção musical

Ryan Wigglesworth é considerado um dos mais notáveis compositores-maestros da sua geração. Em Setembro de 2015 iniciou funções como Maestro Convidado Principal da Orquestra Hallé. É actualmente Compositor em Residência na English National Opera (ENO) e fez uma residência na Orquestra de Cleveland nas duas temporadas entre 2013 e 2015, como *Daniel R. Lewis Composing Fellow*. Como maestro, o seu repertório estende-se da música barroca à contemporânea.

Dirigiu a ópera *The Minotaur* de Birtwistle para a Royal Opera House, Covent Garden; *Caligula* de Glanert, *Carmen* e *Così fan tutte* para a ENO; e concertos com inúmeras orquestras conceituadas como a Filarmónica de Londres, a Philharmonia, a Sinfónica Cidade de Birmingham, a Filarmónica Real de Liverpool, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Orquestra Nacional de Gales da BBC, a Orquestra de Câmara Escocesa, o Grupo de Música Contemporânea de Birmingham, a Orquestra de Câmara dos Países Baixos, a Sinfónica Alemã de Berlim e, nos BBC Proms, com a BBC NOW e a Britten Sinfonia. Inaugurou o Festival de Aldeburgh 2012 com a interpretação de obras de Oliver Knussen (*Where the Wild Things Are* e *Higglety Pigglety Pop!*), celebrando o 60º aniversário do compositor.

Entre os seus compromissos recentes e próximos, trabalha com a Chamber Orchestra of Europe, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica de Bamberg, a Junge Deutsche Philharmonie numa digressão pela Alemanha, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Escocesa da BBC e a Orquestra Nacional de Gales da BBC. Apresenta-se como solista-maestro no Concerto para

piano n.º 9 de Mozart com a Royal Northern Sinfonia, a Orquestra do Ulster, a Filarmónica de Bergen e a Sinfónica Cidade de Birmingham. Interpretou a sua obra *Echo and Narcissus* no Festival de Aldeburgh 2014 e no Wigmore Hall em 2016, e a sua peça mais recente para orquestra, *Études-Tableaux*, foi estreada em Cleveland e em Londres no início de 2015.

Ryan Wigglesworth dirigiu a estreia da sua primeira ópera, *The Winter's Tale*, na English National Opera com encenação de Rory Kinnear, em Fevereiro de 2017. Em Maio seguinte, a sua encomenda orquestral mais recente foi estreada pela Orquestra do Concertgebouw, sob a sua direcção. Inaugurou o Festival de Aldeburgh 2017, dirigindo *Sonho de Uma Noite de Verão*, e regressou aos Proms em Agosto com a Orquestra Nacional de Gales da BBC.

A gravação de obras orquestrais de Harrison Birtwistle por Ryan Wigglesworth com a Hallé, para a NMC, foi premiada pelas revistas *Gramophone* e *BBC Music*, eleita disco do ano pela *Time Out New York* e incluída na lista dos Melhores Discos de 2011 pelo *Sunday Times*. O seu ciclo de canções orquestrais *Augenlieder* (estreado pela soprano Claire Booth sob a direcção do compositor no Barbican, em 2009) conquistou o prémio de música vocal nos British Composer Awards 2010.

Natural de Yorkshire, Ryan Wigglesworth estudou no New College de Oxford e na Guildhall School of Music & Drama. Entre 2007 e 2009 foi *Leitor* na Universidade de Cambridge, onde foi também *Fellow* do Corpus Christi College.

## Claire Booth soprano

A soprano britânica Claire Booth conquistou reconhecimento internacional pelo seu repertório extraordinariamente vasto e também pela vitalidade e capacidade artística que transporta para os palcos de ópera e de concerto. Na temporada de 2016/17, regressou ao Festival de Aldeburgh para uma reposição da produção de David Pountney de *La voix humaine*, que mereceu a aclamação da crítica ao ser interpretada pela Ópera Nacional de Gales no Festival of Voice de Cardiff, em 2016. A sua reputação tem sido crescente no repertório contemporâneo e na estreia de novas peças: no Festival de Aldeburgh, fez as estreias mundiais de *O Hototogisu* de Knussen e *Chorales from a Toy Shop* de Birtwistle, com o Birmingham Contemporary Music Group.

Alguns dos papéis de ópera que lhe deram mais visibilidade foram 'Rosina' na nova produção de *O Barbeiro de Sevilha* para a Ópera Nacional de Gales; 'Elcia' em *Mosè in Egitto* de Rossini e 'Pakati' em *Wagner Dream* de Jonathan Harvey (Ópera Nacional de Gales); o papel principal em *A Raposinha Matreira* de Janáček (Garsington Opera, um desempenho largamente elogiado pela crítica); 'Rosina' em *O Barbeiro de Sevilha* e 'Dorinda' em *Orlando de Handel* (Ópera Escocesa); 'Nora' em *Riders to the Sea* de Vaughan Williams (English National Opera) e 'La Comtesse' em *Le Comte Ory* de Rossini (Chelsea Opera Group).

Uma agenda intensa de concertos fortaleceu as suas ligações com a Orquestra Sinfónica da BBC e os BBC Proms, a Orquestra Sinfónica Cidade de Birmingham, a Orquestra de Câmara Mahler e o Ensemble intercontemporain, o Festival de Aldeburgh e o Holland Festival. Trabalhou também com a Sinfónica Alemã de

Berlim, a Sinfónica de Boston e a Filarmónica de Londres. Durante mais de uma década, colaborou com a realizadora de vídeo Netia Jones num ciclo de produções aclamado pela crítica. Entre estas incluíram-se *Atthis* de Georg Friedrich Haas (Royal Opera House), *Kafka Fragments* de Kurtág (ROH), 'Max' em *Where the Wild Things Are* de Knussen e 'Rhoda' em *Higglety, Pigglety, Pop* – que foi apresentada no Festival de Aldeburgh e partiu em digressão passando pela Filarmónica de Los Angeles com Gustavo Dudamel, até às celebrações dos 60 anos do compositor promovidas pelo Barbican. Cantou o *Oratorio per la Settimana Santa* de Luigi Rossi com Christian Curnyn, obras de Wigglesworth e Knussen com a Orquestra Sinfónica da BBC e obras de câmara de Ravel com o Nash Ensemble no Wigmore Hall de Londres. No seu CD mais recente, Claire Booth interpreta canções populares de Percy Grainger com o acompanhamento de Christopher Glynn (Avie Records).

Na temporada de 2017/18, destaca-se a interpretação de *Songs for Sue* de Oliver Knussen e *Augenlieder* de Ryan Wigglesworth na Casa da Música (com o Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica Casa da Música, respectivamente), bem como *Les Illuminations* com a Sinfónica Escocesa da BBC numa digressão pela Escócia.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as atuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines" ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos anos seguintes surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

### Violino I

James Dahlgren  
Ianina Khmelik  
Tünde Hadadi  
Emília Vangelova  
Roumiana Badeva  
Andras Burai  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Vadim Feldblioum  
Vladimir Grinman  
Alan Guimarães  
Diogo Coelho\*  
Pedro Carvalho\*  
Flávia Marques\*

### Violino II

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Pedro Rocha  
Mariana Costa  
José Paulo Jesus  
Francisco Pereira de Sousa  
Paul Almond  
Domingos Lopes  
Vítor Teixeira  
José Sentieiro

### Viola

Mateusz Stasto  
Joana Pereira  
Anna Gonera  
Luís Norberto Silva  
Jean Loup Lecomte  
Emília Alves  
Francisco Moreira  
Biliana Chamlieva  
Rute Azevedo  
Hazel Veitch

### Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov  
Feodor Kolpachnikov  
Sharon Kinder  
Bruno Cardoso  
Gisela Neves  
Michal Kiska  
Aaron Choi  
Hrant Yeranossyan

### Contrabaixo

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec  
Nelson Fernandes\*  
Vanessa Lima\*

### Flauta

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer  
Beatriz Baião\*

### Oboé

Tamás Bartók  
Luciano Cruz\*  
Roberto Henriques\*

### Clarinete

Luís Silva  
Carlos Alves  
João Moreira\*  
Frederic da Silva Cardoso\*  
Inês Arede\*

### Fagote

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Liliana Reis\*

### Trompa

Luís Duarte Moreira\*  
Bohdan Sebestik  
Eddy Tauber  
Hugo Carneiro

### Trompete

Sérgio Pacheco  
Rui Brito  
Luís Granjo

### Trombone

Severo Martinez  
Ricardo Pereira\*  
Nuno Martins

### Tuba

Sérgio Carolino

### Timpanos

Jean-François Lézé

### Percussão

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*

### Harpa

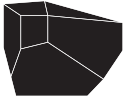
Ilaria Vivan

### Celesta

Luís Filipe Sá\*

\*instrumentistas convidados





casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

